

# Dois chás e a conta...

por Mauro Ventura



Gustavo Pellizzon

**D**e família classe média alta, Sueli de Lima viu de sua casa, na Gávea, a chuva devastar os

barracos de madeira da favela Parque Proletário, onde hoje é o estacionamento da PUC. Era 1971, ela tinha 7 anos e nunca esqueceu a cena. Aos 14 anos, pediu à empregada para conhecer a Rocinha. Lá, criou um projeto de educação popular com reciclagem de materiais. Desde então, manteve um pé na universidade e outro na comunidade. Graduiu-se em educação e fez mestrado em história da arte na PUC, estagiou em Paris e presta concurso para doutorado na USP. Ao mesmo tempo, trabalhou na Maré, no Vidigal, no Chapéu Mangueira e na Rocinha. A Casa da Arte de Educar, que ela mantém na Mangueira e no Morro dos Macacos, em Vila Isabel, foi a grande vencedora do prêmio Itaú-Unicef, concorrendo com 1.917 projetos. O trabalho de Sueli une professores de formação acadêmica e educadores comunitários. Em 11 anos, foram atendidos 5.500 alunos. A metodologia que ela criou foi adotada pelo Ministério da Educação e agora está em colégios do país todo. E, mês que vem, é a vez de uma parceria com o Ministério da Cultura. Ela torcia por Adriano na seleção. "Significaria a valorização do espaço da favela."

## ...com Sueli de Lima

**REVISTA O GLOBO: Seu trabalho ganhou prêmio e foi adotado pelo MEC. O que ele tem de diferente?**

**SUELI DE LIMA:** Aproximamos a prática escolar do dia a dia da favela. Os estudantes da periferia dão olé na vida. O professor não pode só chegar com o currículo de baixo do braço. Tem que relacioná-lo à cultura local, senão o aluno vai começar a pensar na namorada, e aquele currículo vai voar que nem aviãozinho de papel, sem ser assimilado. Um exemplo é a pipa. Com ela, o aluno pode estudar geometria, por causa da estrutura do bambu. Ou meio ambiente, por causa do vento. Ou ainda as cores e a luz, as relações de poder entre os pipeiros e até a geografia, já que há espaços mais perigosos na favela. Passa a ser gostoso dar aula. Claro que é preciso melhorar salários e condições dos professores, mas a gente perdeu o prazer de dar aula também porque perdeu esses meninos.

**Como unir o cotidiano da favela à prática escolar?**

Juntamos uma rezadeira e um biólogo, que conversaram sobre doenças, curas e cuidados com o corpo. Um DJ local e um físico debateram sobre som, que deixa de ser só uma fórmula. Um encanador e uma paleontóloga falaram sobre o solo, assim como um pedreiro e um geólogo. Muitos moradores ignoram as condições do terreno em que estão suas construções. Para falar de água, reunimos uma lavadeira e um técnico. E recuperamos a história da bica do Largo do Pedregulho, na Mangueira, construída por Dom Pedro II e usada por sua tropa de cavalos. Um menino de 11 anos disse que pela primeira vez achou a fonte interessante.

**Que atividades vocês têm na Casa da Arte de Educar?**

Não somos uma escola formal, trabalhamos em parceria com as escolas. O aluno fica três horas e meia no colégio e três horas e meia com a gente. Vai a museus e centros culturais: tem oficinas de música, capoeira, artes visuais, literatura e jogos; produz livros e vídeos sobre a história dos mortos. Há rodas de debate, onde se fala de tudo, até de violência. A criança vê o pai bater na mãe, mas não conta nada na escola. Temos um trabalho de mediação de conflitos e de apoio à família. Há uma parceria com a Sociedade Brasileira de Psicanálise. E muitas vezes o apoio psicológico é para nós também.

**Que dificuldades você enfrentou ao longo dos anos?**

A classe média tem preconceito com a favela, mas vice-versa. Passei por situações de discriminação. Tive que mostrar que não era candidata e não queria dinheiro, que meu interesse era técnico. E tem histórias da guerra. A casa já foi invadida pelo Bope. Acharam que tinha bandido escondido. Já tivemos vários alunos e parentes deles mortos. Já tiramos alunos (*do crime*) e perdemos alunos (*para o crime*). Não vou dizer que só tive glórias.

**Há ainda um núcleo de tecnologias populares, não?**

Sim. Buscamos cientistas locais. Achamos um Professor Pardal na Mangueira, que tem a casa cheia de invenções. Faz de câmara fotográfica aparelho de som, de ventilador quebrado bate-deixa. Um menino, com problema na perna, fez uma cadeira de balanço automática. Outro criou um revestimento térmico para o telhado com pedaços de isopor que achou. Um evangélico transformou uma caçamba de lixo em carro de som. Temos achado maravilhas.

Blog do colunista: [oglobo.globo.com/rio/ancelmo/dizventura](http://oglobo.globo.com/rio/ancelmo/dizventura)

Twitter: [twitter.com/dizventura](https://twitter.com/dizventura)

Email: [inventura@oglobo.com.br](mailto:inventura@oglobo.com.br)